

AGÊNCIA E ESCRITA CIENTÍFICA NO PIBIC-TEC: UMA ANÁLISE SOCIORRETÓRICA DO GÊNERO RELATÓRIO FINAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Darlene Ribeiro da Silva Andrade (PPGCL/UNICAP)¹
andrade.darlene@gmail.com

RESUMO: Produzir textos científicos na Educação Básica é uma tarefa que pressupõe práticas de letramentos pouco comuns no contexto escolar. A fim de promover tais práticas, na perspectiva de formação científica, algumas instituições desenvolvem atividades de iniciação à pesquisa. Nesse processo, o relatório final de projeto de iniciação científica surge como um gênero acadêmico relevante. Assim, o propósito deste trabalho é descrever a organização retórica do gênero relatório final, vinculado ao Programa de Iniciação Científica Técnica (PIBIC-TEC). A análise se ampara nos conceitos dos estudos retóricos de gêneros, em especial o conceito de agência (BAZERMAN, 2009), e na análise de movimentos retóricos proposta pela abordagem de língua para fins específicos (SWALES, 1990, 2004). Este estudo, de natureza exploratória, buscou identificar os estudantes/pesquisadores como agentes na produção do relatório final no PIBIC-TEC do Instituto Federal de Educação (IFPE/Campus Recife) e descrever os movimentos e passos manifestos na introdução dos textos escritos pelos estudantes/pesquisadores, utilizando o Modelo CARS (SWALES, 1990). O *corpus* foi constituído por dez relatórios finais escritos por estudantes/pesquisadores do PIBIC-TEC, na grande área de linguística, letras e artes. Constatamos a realização dos movimentos e passos previstos por Swales (1990) na seção introdutória dos relatórios finais, além de as marcas linguísticas que evidenciam a agência dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Agência. Escrita científica. Análise de gêneros. Gênero relatório final.

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) é uma instituição que nasceu da Lei nº11.892/2008. A partir dessa lei, a prática pedagógica da instituição encontra-se fundamentada no tripé educacional ensino, pesquisa e extensão, proposto pelos documentos que norteiam a educação técnica e tecnológica.

Os Programas de Iniciação Científica do Instituto Federal de Pernambuco estão regulamentados pela Resolução nº 26/2017 do Conselho Superior

¹ Doutoranda em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade Católica de Pernambuco. Membro do grupo do CNPq, intitulado Gênero, Texto e Ensino constituído no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. Recife – PE. Agradeço ao PROSUC/CAPES a bolsa com a qual estou me especializando em nível de Doutorado e desenvolvendo pesquisas voltadas para o estudo dos gêneros textuais como prática social.

(CONSUP/IFPE). A resolução trata da regulamentação dos Programas de Iniciação Científica dos Institutos Federais de Educação e define, em seu Capítulo IV, o PIBIC-TÉCNICO, mencionando que a modalidade “[...] visa despertar a vocação científica e incentivar talentos em estudantes de nível técnico, mediante a participação deles(as) em projetos de pesquisa”.

A motivação para a escrita deste artigo reside na necessidade de trazer ao cenário das pesquisas em ciências da linguagem estudos com ênfase na Educação Básica e na escrita científica. Além disso, há poucos trabalhos de contribuição para o estudo e a compreensão do conceito de agência com ênfase nos gêneros escritos na Educação Básica, a exemplo do relatório final do Programa de Iniciação Científica Técnica (PIBIC-TEC), objeto de análise deste estudo.

Dessa forma, nosso propósito, neste texto, é de analisar a organização retórica e as marcas linguísticas na introdução do gênero relatório final, escrito pelos estudantes do PIBIC-TEC do IFPE/*Campus* Recife. A fim de compreender a organização retórica da introdução nesse gênero, escrito pelos estudantes/pesquisadores do PIBIC-TEC, buscamos identificar, sob a perspectiva social dos gêneros textuais, os movimentos e passos pertencentes ao gênero e à agência dos alunos, identificada nas marcas linguísticas da escrita dos relatórios finais.

Para alcançarmos os objetivos propostos, fundamentamos nossa pesquisa no estudo do “gênero como ação social” (BAZERMAN, 2006, 2009; MILLER, 1984; SWLAES, 1990), o qual propõe analisar a escrita como prática social, utilizada em determinado contexto social que envolve participantes, denominados por nós, neste estudo, de “agentes”. Já a abordagem de língua para fins específicos, neste estudo, nos ajudou na identificação dos movimentos e passos da introdução do gênero relatório final do PIBIC-TEC, produzido pelos agentes na atividade científica.

O presente artigo está dividido em cinco tópicos. No primeiro, apresentamos o conceito de agência e os impactos na escrita científica. No segundo tópico, tratamos de apresentar a abordagem “swalesiana” para os estudos de gêneros. No terceiro tópico, apresentamos a estrutura do gênero relatório final, conforme orientação do Programa de Iniciação Científica no IFPE/*Campus* Recife. Em seguida, ilustramos nossa abordagem metodológica e, por fim, analisamos os movimentos e passos e a agência dos estudantes/pesquisadores presentes nas marcas linguísticas na escrita da introdução do gênero relatório final de iniciação científica.

1 AGÊNCIA E ESCRITA CIENTÍFICA

A noção de agência é complexa e tem sido objeto de muitos debates no campo das ciências da linguagem, da linguística, da antropologia e de outras disciplinas, trazendo uma abordagem interdisciplinar para o tratamento do conceito, especificamente mostrando a relação entre agência e escrita como práticas da ação social. Embora o conceito de agência tenha sido objeto de estudo, os estudos no campo da linguagem carecem de conceitos mais claros a respeito dele e do seu diálogo interdisciplinar.

Na tentativa de conceituar agência à luz da antropologia linguística, Duranti (2004, p. 453) propõe uma definição, ainda que a considere trabalhosa, e a relaciona com a ideia de “entidades”:

Agência aqui é entendida como a propriedade dessas entidades (i) que possuem algum grau de controle sobre seu próprio comportamento, (ii) cujas ações no mundo afetam outras entidades (e algumas vezes elas próprias), e (iii) cujas ações são o objeto de avaliação (por exemplo, em termos de suas responsabilidades para um dado resultado). As três propriedades de agência incluídas em (1) estão obviamente interligadas. (DURANTI, 2004, p. 453).

Nos estudos da linguagem, em *Gênero como ação social*, em uma perspectiva retórica, o gênero foi definido inicialmente como “forma de ação social” por Miller ([1984] 2012). Para a pesquisadora:

[...] o gênero retórico está baseado na prática retórica, nas convenções de discurso que uma sociedade estabelece como maneiras de “agir junto”. Essa compreensão não se presta à taxonomia, porque gêneros mudam, evoluem e se deterioram: o número de gêneros correntes em qualquer sociedade é indeterminado e depende da complexidade e diversidade da sociedade. (MILLER, 2012, p. 38-39).

Um estudo sobre agência e escrita acadêmica (REYES; NAVARRO; LADINO, 2020) define agência como a possibilidade de agir, de responder às restrições da estrutura, ou de criar criticamente respostas às situações problemáticas.

Ao reconhecer os estudantes como “agentes”, Bazerman (2006) diz que “a escrita é imbuída de agência”, e se nós os reconhecêssemos como agentes, os

estudantes aprenderiam a usar a escrita com criatividade e dentro de “formas interacionais tipificadas”, o que denominamos como “gêneros”.

Na atividade de iniciação científica, os agentes, partícipes do programa de iniciação científica técnica, escrevem diferentes textos com propósitos distintos, interagindo uns com os outros, o que ressalta a natureza social do gênero, uma vez que este cumpre uma função social. No PIBIC-TEC, os estudantes/pesquisadores escrevem, entre outras coisas, o gênero relatório final, como requisito final e avaliativo da iniciação científica.

Nessa perspectiva, podemos entender a agência como forma de agir no mundo, desenvolvendo a capacidade de atuação no contexto no qual os seres agentes estão inseridos, para propor mudança e transformação social. Nesse caso, podemos associar essa ação ao contexto de iniciação científica, no qual os estudantes/pesquisadores agem e interagem socialmente a partir da leitura, da escrita e da comunicação oral, através dos textos que produzem no Programa.

Com o intuito de consolidar o conceito de agência, lembremos da escrita de grandes escritores latino-americanos, como Paulo Freire, Gabriel García Márquez, Ruan Rulfo, Aluísio Azevedo, e tantos outros escritores, que, com sua escrita, conseguiram influenciar, transformar e mudar a realidade social.

Podemos, dessa forma, definir o conceito de agência neste estudo como o engajamento, compromisso e a capacidade que estudantes/pesquisadores desenvolvem nas práticas interacionais de escrita que surgem a partir dos gêneros que produzem no PIBIC-TEC, especificamente na produção escrita do relatório final.

Não queremos, aqui, reduzir o conceito de agência discutido em Bazerman (2006), tampouco o de Miller (2012), mas, sim, apresentar aos leitores a agência dos estudantes/pesquisadores do PIBIC-TEC, a partir das marcas linguísticas, a qual está relacionada com o agir no mundo, especificamente, a agência caracterizada pela escrita do gênero relatório final na iniciação científica, uma vez que a escrita está “imbuída de agência”.

Neste estudo, nos interessa analisar a agência evidenciada nas marcas linguísticas do gênero relatório final pelos estudantes, agentes sociais no PIBIC-TEC, uma vez que se trata do gênero que ganha destaque na iniciação científica, em razão do seu caráter avaliativo e requisito final para o cumprimento do PIBIC-TEC.

2 ANÁLISE DE GÊNEROS: A ABORDAGEM SWALESIANA

A abordagem swalesiana para a análise de gêneros textuais vai além da organização retórica de um determinado gênero. Nela, acrescenta-se a importância do contexto para interpretá-lo e realizar a comunicação. Podemos, portanto, observar como os gêneros podem ser analisados do ponto de vista formal e funcional nessa abordagem, lançando mão da relação entre texto e contexto e dos propósitos comunicativos dos gêneros dentro de uma determinada comunidade discursiva. Swales (1990) apresenta algumas características e ressalta a definição operacional dos gêneros, conceituando-os na seguinte perspectiva:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha relacionado estreitamente com uma determinada ação retórica compatível com o gênero. (SWALES, 1990, p. 58).

O que se pode observar na definição de Swales é a complexidade de como o gênero é definido e situado com características marcantes que estão relacionadas para a identificação de um gênero. A respeito das características, Bawarshi e Reiff (2013, p. 64-65) colaboram para a discussão, ao mencionar que “a abordagem de gêneros é delineada por três conceitos-chave e inter-relacionados – comunidade discursiva, propósito comunicativo e gênero”. Entendemos, portanto, que as noções de gênero e comunidades discursivas estão relacionadas e que formam base para o compartilhamento de propósitos comunicativos por membros de uma determinada comunidade discursiva à qual pertencem.

Com o propósito de definir comunidades discursivas, Swales (1990, p. 9) menciona que são “redes sociorretóricas que se formam com a finalidade de atuar juntas em favor de um conjunto de objetivos comuns”. Ou seja, a comunidade desenvolve um conjunto de gêneros, cujos membros compartilham os mesmos objetivos e propósitos comunicativos.

Por fim, Swales (1990) define o propósito comunicativo como um critério privilegiado na identificação do gênero. Porém, em uma revisão posterior, Swales

(2004) redefine o conceito, reconhecendo que o propósito comunicativo é um dos critérios envolvidos no percurso de análise dos gêneros, e não pode ser tomado como uma premissa e sim como um resultado da pesquisa. Swales (2004) ressalta a complexidade dos propósitos comunicativos, afirmando que:

[...] os propósitos sociais evoluem, podendo se expandir ou se retrair [ou seja] os quadros de atividade social e os padrões podem mudar [...] características mais prototípicas podem ocupar posição mais central, atitudes institucionais podem se tornar mais ou menos amigáveis para os de fora, e até mesmo os atos de fala podem dar espaço para diferentes interpretações. (SWALES, 2004, p. 73).

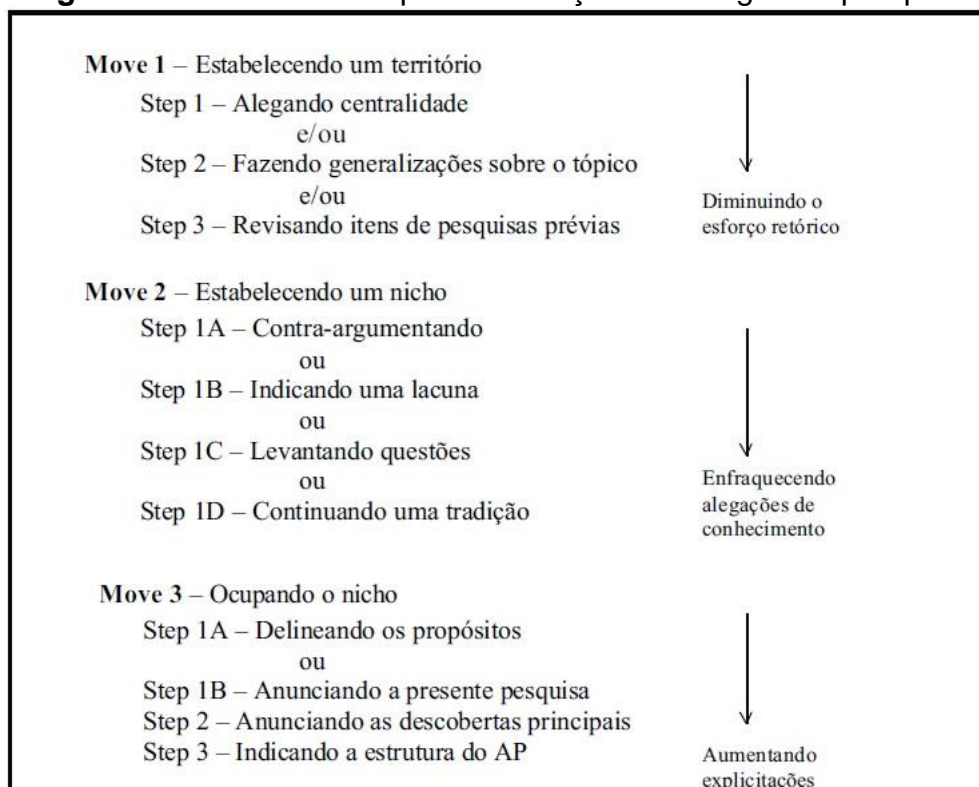
Diante da dinamicidade e funcionalidade dos gêneros na sociedade, compreendemos os propósitos comunicativos como sociais e dinâmicos, resultando, por exemplo, na variação na escrita das introduções dos relatórios finais que será descrita neste estudo.

As contribuições teórico-metodológicas da abordagem swalesiana para o estudo de gêneros têm enfatizado especificamente os contextos acadêmicos e profissionais. Com o objetivo principal de situar nossa pesquisa nessa abordagem sociorretórica, descreveremos os princípios teóricos que norteiam a análise de gêneros proposta por Swales (1990), lançando mão da metodologia de análise de movimentos, que consiste em examinar *moves* e *steps* característicos da estrutura retórica do gênero. Segundo Bawarshi e Reiff (2013, p. 68), trata-se de identificar e descrever “os ‘movimentos’ estruturais utilizados pelo gênero para realizar seus objetivos, tais como a estrutura de três movimentos presente na introdução de artigos de pesquisa, conforme descrita por Swales (1990) no chamado modelo CARS.”

O modelo CARS (*Create a Research Space* – em português, “crie um espaço de pesquisa”) refere-se à organização retórica de introduções de artigos científicos e foi inicialmente elaborado a partir do estudo de 48 introduções. Em seguida, Swales (1990) ampliou o estudo, analisando 110 introduções de artigos nas áreas de física, educação e psicologia. A partir desse modelo, o método da análise de movimentos tem sido aplicado ao estudo e análise de diferentes gêneros, em variados contextos de pesquisa, inclusive no Brasil.

O modelo CARS (SWALES, 1990) constitui uma ferramenta relevante para a análise linguística, textual e estrutural. Observemos o modelo elaborado por Swales (1990, p. 141):

Figura 1 – Modelo CARS para introduções de artigos de pesquisa



Fonte: Swales (1990, p. 141).

O modelo CARS compreende, portanto, três movimentos (*moves*) e onze passos (*steps*) representados pela metáfora ecológica de territórios e nichos. Como tal, o modelo é capaz de prever, em diferentes medidas, a organização retórica de introduções de artigos de pesquisa (AP), havendo certa flexibilidade especialmente na realização dos passos. Swales (2004, p. 228) define *move* como “uma unidade discursiva ou retórica que realiza, no texto escrito ou oral, uma função comunicativa coerente”.

Os movimentos são as unidades retóricas principais que organizam o texto em determinado gênero, enquanto os passos representam estratégias específicas, de natureza textual-discursiva, para a realização dos movimentos. Os movimentos e passos mostram a dinamicidade e a flexibilidade na construção dos textos em dado gênero, em que movimentos e passos têm certa previsibilidade, mas se realizam de maneiras variadas. Desse modo, os passos refletem estratégias mais visíveis na superfície linguística do texto, destinadas à realização dos movimentos, enquanto estes, por sua vez, são estratégias retóricas que permitem a realização dos propósitos comunicativos possibilitados pelo gênero. Nas palavras de Bawarshi e

Reiff (2013, p. 69), “dentro de cada um desses movimentos, Swales identifica um leque de possíveis ‘passos’ que os autores de APs podem tomar”.

O referido modelo nos ajudou a analisar a organização retórica do gênero relatório final do PIBIC-TEC e a agência dos estudantes/pesquisadores, identificada nas marcas linguísticas presentes na escrita das seções introdutórias do gênero relatório final.

3 A ESCRITA DO GÊNERO RELATÓRIO FINAL NO PIBIC-TEC

Este tópico se destina a apresentar o gênero relatório final de iniciação científica do PIBIC-TEC, suas características, seu lugar no Programa e como sua escrita evidencia as marcas de agência dos estudantes/pesquisadores.

Na perspectiva dos manuais de metodologia científica, o gênero relatório técnico é definido da seguinte forma:

O Relatório, além de se referir a um projeto ou a um período em particular, visa pura e simplesmente historiar seu desenvolvimento, muito mais no sentido de apresentar os caminhos percorridos, de descrever as atividades realizadas e de apreciar os resultados – parciais ou finais – obtidos. (SEVERINO, 2002, p. 174).

Os relatórios de pesquisa em geral, trata-se de uma exigência institucional, oriunda de agências de fomento, no caso de bolsas ou financiamentos de projetos científicos.

Para o cumprimento da escrita do gênero relatório final, a Direção da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (Propesq/IFPE) apresenta orientações aos participantes do PIBIC-TEC, as quais descrevemos das informações mais relevantes. No que diz respeito ao Layout: O documento deverá conter as seguintes seções, obrigatoriamente: Capa, Resumo, Introdução, Objetivos, Metodologia, Resultados e Discussões, Referências e Conclusões. A construção de novas seções fica a critério do orientador em conjunto com o bolsista. Além dessas orientações, o número de páginas de todos os relatórios não deve exceder 25 laudas. Há também o modelo de capa que deve ser mantido junto às informações do *layout*. Essas orientações são fornecidas pela Direção de Pesquisa da Propesq, através de *e-mail* institucional, a todos os gestores e professores/orientadores de pesquisa.

Partindo das orientações descritas, os estudantes/pesquisadores, orientados pelos professores/orientadores, escrevem o relatório final da iniciação científica, objeto do nosso estudo.

Ao escrever o relatório final para o cumprimento de etapa da iniciação científica, o estudante está expressando, de alguma forma, sua aprendizagem durante um ciclo de pesquisa científica, que, conseqüentemente, consolida-se na escrita do gênero resumo científico e na elaboração de uma apresentação em *PowerPoint* para apresentação no Congresso Nacional de Iniciação Científica (CONIC/IFPE). Essa forma de interagir por meio de gêneros, em sistema de atividades, ainda que seja para uma avaliação para fins de conclusão do ciclo da atividade científica, mostra que os estudantes são agentes sociais e que utilizam a escrita para contribuir com o avanço da ciência e, conseqüentemente, com o avanço da sociedade em que estão inseridos.

4 METODOLOGIA

O *corpus* da pesquisa está constituído por dez relatórios finais escritos por estudantes/pesquisadores do Programa de iniciação científica, na área disciplinar linguística, letras e artes, produzidos no ciclo de 2020-2021. A escolha pela área disciplinar dos relatórios finais deu-se por se tratar da área de menor incidência de proposição de pesquisas no PIBIC-TEC do IFPE/*Campus* Recife.

A razão pela qual utilizamos o modelo CARS para análise de introduções de artigo deu-se pela proximidade em termos de organização retórica do gênero relatório final com o artigo científico na iniciação científica, mencionada na seção anterior deste estudo.

O modelo de análise de gêneros de Swales (1990) ajudou-nos a entender a organização retórica das introduções dos relatórios finais, e utilizamos as marcas linguísticas como categorias para identificar a agência nas introduções dos relatórios finais escritos pelos estudantes/pesquisadores na iniciação científica.

Dessa forma, a análise textual foi dividida da seguinte forma: primeiro, analisamos os *moves*, a fim de identificar os mais recorrentes nas introduções dos relatórios finais. Em seguida, analisamos a organização retórica das introduções dos relatórios finais, identificados neste artigo como RF1, RF2, RF3 e assim por diante, identificando os passos mais recorrentes e os que não tiveram ocorrências. Por fim,

identificamos a agência dos estudantes através das marcas linguísticas evidenciadas na escrita da seção introdutória dos relatórios finais escritos pelos “agentes”, as quais descrevemos a seguir.

5 ANÁLISE DAS INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS

Conforme descrevemos no tópico anterior, primeiro analisamos os *moves* nas introduções dos relatórios finais, a fim de identificar os mais recorrentes. Em seguida, analisamos a organização retórica das introduções dos relatórios finais. A seguir, discutimos algumas questões que surgiram durante a análise.

5.1 Análise dos *moves* nas introduções dos relatórios finais

Após as análises, o Quadro 2 permite constatar, conforme os resultados da nossa análise, que há o uso dos movimentos previstos por Swales (1990) na seção introdutória dos relatórios finais escritos por estudantes/pesquisadores do PIBIC-TEC.

Quadro 2 – Utilização dos *moves* nas introduções dos relatórios finais.

MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS
	Linguística, Letras e Artes
MOVE 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO	10
MOVE 2: ESTABELECE O NICHOS	6
MOVE 3: OCUPAR O NICHOS	10

Fonte: Elaboração nossa.

Conforme o Quadro 2, percebemos que o modelo CARS, referente à escrita de introduções de artigos científicos, também viabiliza as análises das introduções dos relatórios finais, uma vez que há uma proximidade da organização retórica do gênero relatório final com o gênero artigo científico. Ao conceituar o artigo científico, Swales (1990, p. 93) menciona que ele deve corresponder a descobertas científicas e poderá também investigar problemas teóricos e/ou metodológicos, como percebemos na estrutura dos relatórios finais do PIBIC-TEC.

Os *moves* 1 e 3 ganham destaque na escrita das introduções dos relatórios finais, uma vez que os dez relatórios apresentaram alguns passos previstos nesses movimentos, os quais estão descritos no Quadro 3 do estudo. Por outro lado, o

move 2 é utilizado apenas em seis relatórios finais (RF2, RF3, RF5, RF7 e RF8), porém, seu uso limita-se a alguns passos não prototípicos, conforme Swales (1990), que descrevemos em seguida.

5.2 Análise dos moves e passos nas introduções dos relatórios finais

Para uma melhor compreensão da utilização dos movimentos e passos nas introduções dos relatórios finais, elaboramos o Quadro 3, a fim de ilustrar os *moves*, destacados em negrito, e os passos que foram mais utilizados.

Quadro 3 – Utilização dos *moves* e passos nas introduções dos relatórios finais

MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS - Linguística, Letras e Artes									
MOVIMENTOS E PASSOS	RF1	RF2	RF3	RF4	RF5	RF6	RF7	RF8	RF9	RF10
MOVE 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Passo 1 – Alegando centralidade e/ou	x		x		x	x			x	x
Passo 2 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Passo 3 – Revisando itens de pesquisas prévias	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
MOVE 2: ESTABELECE O NICHU		X	X		X	X	X	X		
Passo 1A – Contra-argumentando ou		x								
Passo 1B – Indicando uma lacuna ou			x							
Passo 1C – Levantando questões ou					x					
Passo 1D – Continuando uma tradição					x	x	x	x		
MOVE 3: OCUPAR O NICHU	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Passo 1A – Delineando os propósitos	x	x				x	x	x	x	x
Passo 1B – Anunciando a presente pesquisa	x	x	x	x		x	x	x	x	
Passo 2 – Anunciando as descobertas principais				x	x	x		x		
Passo 3 – Indicar a estrutura do AP			x							

Fonte: Elaboração nossa.

Na continuação das análises, observamos a utilização dos passos em cada *move*. O *move 1*, “estabelecer o território”, possibilita que o escritor apresente a relevância da pesquisa, faça generalizações sobre e revise a literatura pertinente. As análises mostram a utilização dos três passos em seis dos dez relatórios analisados.

Para maior clareza sobre as estratégias retóricas utilizadas no *move 1*, apresentamos alguns exemplos da escrita dos respectivos passos nas introduções dos relatórios finais do PIBIC-TEC.

Quadro 4 – Descrição dos passos do *move 1* nas introduções dos relatórios finais

MODELO CARS	INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS
MOVE 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO	Apresentação da relevância da pesquisa, fazer generalizações e revisar a literatura
Passo 1 – Alegando centralidade e/ou	RF1: Percebemos que o uso do audiovisual proporciona ao educando uma postura reflexiva, crítica, criativa e permite a compreensão da teoria do conteúdo apresentado...

	RF3: Considerando os objetivos persuasivos dos textos publicitários que se dá a importância de sua análise, e, por isso, utilizaremos...
Passo 2 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou	RF2: Essa discussão acerca do trabalho doméstico já foi (e tem sido) objeto de discussão nas artes de um modo geral. RF5: As atividades sociais produzem seus efeitos a partir dos textos. Nesse sentido, o discurso é caracterizado como a linguagem na forma de prática social, o qual reflete o seu local de produção, envolvendo desde aspectos textuais até aspectos mais sociais.
Passo 3 – Revisando itens de pesquisas prévias	RF7: Através de algumas obras, como as de Compagnon (1999), Stuart Hall (2003) [...] de Bell Hooks (1992)... RF8: Segundo estudiosos do pós-colonialismo HALL (2009); BHABHA (1998); SAID (2011)/ SPIVAK (2010)...

Fonte: Elaboração nossa.

Ao analisarmos a descrição do *move 1* das seções introdutórias dos relatórios finais de iniciação científica, observamos a utilização dos passos, conforme descritos e exemplificados no Quadro 4. Vale ressaltar que os dez relatórios finais utilizaram os passos 2 e 3 na escrita, o que demonstra a relevância desses passos na escrita das seções introdutórias analisadas.

Entretanto, quatro dos seis relatórios não apresentaram o passo 1 (RF2, RF4, RF7 e RF8), mas Swales (1990) ressalta que os passos não são obrigatórios. Por essa razão, algumas introduções não apresentam essa organização retórica.

O *move 2*, “estabelecer o nicho”, prevê a possibilidade de o escritor contra-argumentar em relação a estudos anteriores, indicar uma lacuna na área de conhecimento, levantar questionamentos ou se propor a continuar uma tradição de estudos. As análises constataram que o *move 2* foi o menos utilizado pelos estudantes/pesquisadores nas seções introdutórias dos relatórios finais, conforme descrição mais ampla do Quadro 3. Contudo, alguns passos foram observados, e serão descritos a seguir.

Quadro 5 – Descrição dos passos do *move 2* nas introduções dos relatórios finais

MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS - Linguística, Letras e Artes
MOVE 2: ESTABELECE O NICH O	Indicação da lacuna na área de conhecimento, questionamento e continuidade da tradição.
Passo 1A – Contra-argumentando ou	RF2: No quadro abaixo, uma breve análise de obras entre 1965 a 2011. Mas, no que se refere ao objeto da pesquisa, o interesse voltou-se para o ano de 2012 quando...
Passo 1B – Indicando uma lacuna ou	RF3: E, infelizmente, ainda há um número reduzido de análises de textos multimodais e menos ainda de textos não estáticos, como a propaganda escolhida para a pesquisa....
Passo 1C – Levantando	RF5: Como a Análise Crítica do Discurso pode contribuir

questões ou	para a formação de uma consciência linguística crítica, através da investigação de reportagens ambientais, no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa – especificamente nos eixos de leitura e análise linguística – em turmas de Ensino Médio?
Passo 1D – Continuando uma tradição	RF7: [...] teremos como principal perspectiva para análise os Estudos Culturais... RF8: [...] adotaremos a perspectiva dos Estudos Culturais no que se refere ao local da ficção negra norte americana e da subalternidade da mulher negra tendo o feminismo negro como aporte norteador desses temas.

Fonte: Elaboração nossa.

Ao descrever o modelo de introdução de artigos de pesquisa, Swales (1990, p. 143) dá-nos algumas informações relevantes, no que diz respeito à utilização ou não de alguns passos, o que nos ajudou na análise do nosso *corpus* de pesquisa. Uma delas é aquela em que o autor afirma que o passo mais prototípico do *move 2* é o passo 1B, entre as quatro estratégias que compõem o movimento, o que não corresponde à análise do nosso *corpus* de pesquisa.

No caso do nosso *corpus* de estudo, o passo 1D ganha destaque e foi o mais utilizado na escrita, acontecendo em quatro relatórios finais, RF5, RF6, RF7 e RF8. Conforme exemplificados no Quadro 5, os outros passos, 1A, 1B e 1C são utilizados, respectivamente, nos relatórios RF2, RF3 e RF5, ou seja, cada passo foi utilizado em apenas um dos relatórios finais descritos.

Já no *move 3*, “ocupar o nicho”, é possível que o escritor da seção introdutória exponha os objetivos da pesquisa, realize a apresentação da pesquisa, mencione os principais resultados ou apresente como o artigo está estruturado. No decorrer das análises, percebemos a utilização diversificada dos quatro passos que compõem o *move 3*, conforme descrito no Quadro 3. O Quadro 6 ilustra alguns exemplos da realização desses passos na escrita dos relatórios finais.

Quadro 6 – Descrição dos passos do *move 3* nas introduções dos relatórios finais.

MODELO CARS (SWALES, 1990)	INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS - Linguística, Letras e Artes
MOVE 3: OCUPAR O NICHU	Exposição dos objetivos da pesquisa, apresentação da pesquisa e dos principais resultados e estruturação do artigo.
Passo 1A – Delineando os propósitos	RF1: [...] o objetivo geral dessa pesquisa foi investigar o papel do audiovisual como ferramenta crítica e criativa nas aulas de Língua Portuguesa. RF10: [...] pretendeu-se compreender, valendo-se das ferramentas dispostas pela semiótica francesa, como se dá o processo de formação política do imaginário brasileiro

	através da análise de capas da Veja...
Passo 1B – Anunciando a presente pesquisa	RF6: Sendo assim, essa pesquisa contempla o debate sobre raça e gênero, tendo como objeto de estudo o romance <i>Amada</i> (2011), de Toni Morrison, publicado pela primeira vez em 1987.
Passo 2 – Anunciando as descobertas principais	RF5: A partir de análises, foi perceptível seu posicionamento inclinado ao conservadorismo brasileiro. Já o <i>El País</i> , possui tendência social-democrata e, originalmente da Espanha, ganhou uma versão em português após o excessivo acesso do público brasileiro ao site espanhol.
Passo 3 – Indicar a estrutura do AP	RF3: Este trabalho está sistematizado em cinco seções, incluindo essa introdução. Primeiro, os Objetivos, geral e específicos. Em seguida, a Fundamentação Teórica Metodológica que irá exemplificar a fundamentação teórica desse trabalho, além de explicar a escolha do <i>corpus</i> e a metodologia utilizada para a analisá-lo. Na terceira parte, Resultados e Discussões, será apresentada a análise, ela está dividida em quatro subtópicos. Já a última seção, Conclusões, tem um título autoexplicativo.

Fonte: Elaboração nossa.

Na diversidade, que diz respeito à utilização dos passos no *move* 3, os passos 1A e 1B são mais utilizados, conforme a análise do *corpus* da pesquisa. O passo 1A, que diz respeito aos objetivos da pesquisa, é utilizado em sete relatórios finais e só não é utilizado em três relatórios finais (RF3, RF4 e RF5).

Já o passo 1B, que propõe a apresentação da pesquisa, é utilizado como estratégia retórica em oito dos dez relatórios. Entretanto, o Quadro 3 do estudo apresenta a não utilização do passo 3 nos seguintes relatórios finais: RF5 e RF10. Vale ressaltar que a utilização do passo 1, segundo Swales (1990), é obrigatória² e pode ser realizada no passo 1A ou no passo 1B. Contudo, no decorrer das análises, percebemos que apenas o RF5 não fez uso do passo 1A, tampouco do passo 1B.

Conforme Swales (1990, p. 161), o passo 2, em que o escritor apresenta os principais resultados, e o passo 3, em que o escritor indica a estrutura do artigo, são menos frequentes e, por isso, são opcionais. Ao analisar o *corpus* do estudo, percebemos que quatro relatórios finais (RF4, RF5, RF6 e RF8) utilizaram a estratégia retórica de apresentar os principais resultados na seção introdutória. Já a utilização do passo 3, no *move* 3, foi observada em apenas um dos dez relatórios finais do PIBIC-TEC, o RF3, como descrito no Quadro 6.

² Consideramos que não se trata de um modelo normativo e sim de um modelo descritivo, o qual tenta captar as estratégias reais utilizadas nos textos.

5.3 Análise das marcas linguísticas: a agência nas introduções dos relatórios finais

Nesta seção, buscamos, conforme orientação metodológica de Hyland (2004), desmaterializar o texto para examinar a interação e investigar uma diversidade de características pertencentes ao texto, uma vez que o olhar apenas para os traços textuais já não tem sido objeto de interesse das pesquisas nos estudos de gêneros contemporâneos.

Neste estudo, as marcas linguísticas encontradas nos movimentos e passos do gênero relatório final são entendidas como indícios da forma de agir socialmente dos estudantes/pesquisadores, uma vez que eles utilizam a escrita para atender às convenções institucionalizadas para aceitabilidade do gênero relatório final, como requisito final da atividade de iniciação científica. Entendemos também que a agência evidencia a visão de mundo dos estudantes, partícipes da iniciação científica, propositores de pesquisa científica, capazes de transformar uma realidade social.

A presença dos movimentos e passos previstos por Swales (1990) nas introduções dos relatórios finais revela a agência dos estudantes, uma vez que observamos algumas escolhas linguísticas para a escrita das introduções dos relatórios finais, como podemos observar em alguns fragmentos que estão destacados em negrito, no Quadro 7.

Quadro 7 – Descrição das marcas linguísticas no *move 1* nas introduções dos relatórios finais

MODELO CARS (SWALES, 1990)	MARCAS LINGUÍSTICAS NAS INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS - Linguística, Letras e Artes
MOVE 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO	EXEMPLOS DE AGÊNCIA DOS ESTUDANTES
Passo 1A – Alegando centralidade e/ou	RF1: Trabalho “concluído”, sentimos a necessidade em dar continuidade à pesquisa por duas razões: primeiro, porque observamos o interesse dos alunos que compunham a plateia por ocasião do Festival de Curtas metragens do IFPE, dentro da Programação do “Mais Campus” (2019); segundo, porque gostaríamos de (re)conhecer os valores e normas da cultura que perpassavam, hoje, o discurso do aluno 3º período do curso Técnico Integrado (2020.2), quase três anos após a produção do curta. Percebemos que o uso do audiovisual proporciona ao educando uma postura reflexiva, crítica, criativa e permite a compreensão da teoria/do conteúdo anteriormente apresentada (o),...
Passo 3 – Revisando itens de pesquisas prévias	RF1: O aluno, nessa perspectiva, é protagonista no processo de ensino-aprendizagem, na construção de sua história e, por que não dizer, da História. Nossa assertiva

	<p>se respalda a partir dos trabalhos desenvolvidos com (e pelos) os alunos na sala de aula. A título de exemplo, em 2018, a produção: “Mulheres proibidas de amar”, de Helena Beatriz G. Cavalcante e Maria Eduarda Rodrigues. Nesse texto fílmico, as alunas criadoras do curta-metragem buscaram discutir como se dá/dava a representação da prostituição na literatura oitocentista – a exemplo de “Lucíola”, de José de Alencar, e “A Dama das Camélias”, de Alexandre Dumas Filho – e de que maneira tal representação dialogava com as histórias de vida das prostitutas da Pracinha do Diário, na cidade do Recife, neste início de século.</p>
--	---

Fonte: Elaboração nossa.

Para uma melhor compreensão do que queremos evidenciar, em termos de agência no estudo, observemos os dois excertos extraídos do RF1, os quais mostram a complexidade da interação social e a ação dos estudantes/pesquisadores com o contexto em que estão inseridos. Os excertos são interessantes para o estudo, porque evidenciam que o(a) estudante pesquisador(a) do PIBIC-TEC utiliza a escrita como forma de ação e transformação social.

O passo 1 do *move* 1 evidencia a ação do estudante na condição de pesquisador, ao trazer as marcas linguísticas, com o uso, por exemplo, de verbos nocionais, indicando a ação dos pesquisadores frente à pesquisa, como podemos observar nos fragmentos “sentimos a necessidade”, “gostaríamos de”, “observamos” e “percebemos”. Os verbos utilizados pela estudante/pesquisadora indicam uma ação mais próxima do local de pesquisa, que justifica, inclusive, a proposição do estudo.

Essa hipótese é confirmada ao lermos o passo 3, no qual a estudante/pesquisadora, a fim de justificar sua pesquisa e revisar a literatura já existente, traz sua própria pesquisa, realizada no ano de 2018, em parceria com outra estudante/pesquisadora, a fim de apresentar a importância do estudo realizado. Observamos a agência da estudante pesquisadora no excerto por completo e nos seguintes fragmentos: “Nossa assertiva se respalda a partir dos trabalhos desenvolvidos com (e pelos) os alunos na sala de aula...”, “as alunas criadoras...”, o que evidencia que a estudante quis trazer a sua ação, enquanto pesquisadora, a partir de uma pesquisa já realizada.

Outros exemplos na escrita das introduções dos relatórios finais foram interpretados no estudo como formas de agir dos estudantes/pesquisadores, como podemos observar nos excertos do Quadro 8.

Quadro 8 – Descrição das marcas linguísticas nas introduções dos relatórios finais.

MODELO CARS (SWALES, 1990)	MARCAS LINGUÍSTICAS NAS INTRODUÇÕES DOS RELATÓRIOS FINAIS - Linguística, Letras e Artes
MOVE 1: ESTABELECE O TERRITÓRIO	EXEMPLOS DE AGÊNCIA DOS ESTUDANTES
Passo 2 – Fazendo generalizações sobre o tópico e/ou	RF4: Em termos de comunicação, ao relacionarmos poder e discurso, percebemos que as pessoas não são livres para falar ou escrever o que querem , mas são parciais ou totalmente controladas por instituições como a mídia, religiões, a polícia, a escola, o Estado etc.
MOVE 3: OCUPAR O NICHOS	EXEMPLOS DE AGÊNCIA DOS ESTUDANTES
Passo 1A – Delineando os propósitos	RF6: Quando nos propomos a analisar textos nos quais as representações de gênero se fazem presente, queremos observar a crítica que tais textos fazem no que se refere ao tratamento das questões de gênero e raça.
Passo 1B – Anunciando a presente pesquisa	RF2: De posse dessas informações, teve início a análise do corpus desta pesquisa, observando como se deu a experiência com o cinema no curso Técnico Integrado, a partir da ótica de 39 alunos do 5º período dos cursos de Eletrotécnica e Eletrônica, do Instituto Técnico Federal de Pernambuco (IFPE), Campus Recife. A escolha do documentário Doméstica (2012) se dá justamente pela proximidade do olhar dos discentes do IFPE – Campus Recife com os adolescentes responsáveis por gravarem as cenas do filme de Mascaro.

Fonte: Elaboração nossa.

No que diz respeito às formas de agir pelos estudantes/pesquisadores, percebemos que a agência acontece de várias formas e com diversos recursos linguísticos. No passo 2, por exemplo, é possível observarmos a agência do(a) estudante pesquisador(a), ressaltando, inclusive, a inquietação de perceber que as pessoas não são livres para escrever, justificando que estas são controladas por uma instituição.

Já no passo 1A, presente no *move* 3, observamos, no excerto do Quadro 8, o uso de alguns elementos dêiticos, como o advérbio de tempo “quando”, o pronome “nos” e as flexões verbais na primeira pessoa do plural, os quais evidenciam a presença do “agente” emissor, que observa para agir e/ou intervir no contexto social que está inserido, a partir da proposição da pesquisa realizada.

No excerto que serve como exemplo para análise do passo 1B, ao apresentar a pesquisa, percebemos o uso de alguns elementos dêiticos, como os pronomes “dessa”, “desta”, o uso do advérbio “justamente”, além do aspecto mais geral de observar um grupo de 39 alunos de dois cursos técnicos do IFPE (Eletrotécnica e Eletrônica) para propor a pesquisa, objeto da nossa análise.

Ao trazermos a discussão do conceito de agência no estudo, fundamentamos em Bazerman (2006, p. 19), ao mencionar que: “Uma visão social da escrita,

contudo, pode nos ajudar a desenvolver uma pedagogia que ensine aos alunos que gêneros são não somente formas textuais, mas também formas de vida e de ação.”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, analisamos um *corpus* ilustrativo da escrita de introduções do gênero relatório final, produzidos pelos estudantes/pesquisadores no PIBIC-TEC/IFPE-Campus Recife. É importante ressaltar que limitamos nossa análise aos relatórios finais da área disciplinar de linguística, letras e artes, e que este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, abrangendo outras áreas disciplinares na iniciação científica.

Os resultados da análise da organização retórica das introduções dos relatórios finais de iniciação científica, reportados neste estudo, com base no uso do modelo CARS, validam a utilização do modelo para as análises em outros *corpora* e outras áreas disciplinares. Também constatamos, com o estudo, que a análise de movimentos (e passos) proposta por Swales (1990) é útil para a investigação de introduções de gêneros retoricamente inter-relacionados com o artigo científico.

Entendemos, neste estudo, que a não ocorrência de alguns passos nas introduções dos relatórios se dá pela falta de experiência no contexto de escrita científica dos estudantes/pesquisadores. No caso da nossa análise, o passo 1B, que corresponde à lacuna que deve ser preenchida na área de pesquisa, presente no *move 2*, não corresponde ao que Swales (1990) afirma ser o mais prototípico nas introduções. Entretanto, estudos anteriores já vêm confirmando que o *move 2* é o menos frequente dos três *moves*; por outro lado, também é possível atribuir a dificuldade de indicação de lacunas ao estágio inicial da formação dos estudantes.

A não realização do passo 1B, do *move 2*, nas introduções dos relatórios finais, nos direciona para um estudo mais aprofundado, considerando o público/escritor dos relatórios finais, estudantes/pesquisadores da educação básica, a fim de descrever as estratégias reais utilizadas na escrita das seções introdutórias por esses escritores iniciantes.

Também levantamos a seguinte indagação para estudos futuros: os gêneros que os alunos leem e escrevem durante a iniciação científica fazem parte dos gêneros exigidos durante o processo de iniciação científica? Bazerman (2006, p.

18) menciona que “a distância entre a escrita estudantil e o que leem obscurece a agência dos alunos”.

Ressaltamos ainda a investigação das marcas linguísticas que evidenciam a agência dos estudantes/agentes no PIBIC-TEC limitou-se à seção introdutória. Portanto, não se pretendeu apresentar um estudo exaustivo das marcas de agência dos estudantes nas introduções do relatório final.

Para aprofundar e desenvolver o conceito de agência trazido no artigo, é necessário um aprofundamento na investigação, que exige a escuta dos estudantes/agentes sobre os conhecimentos prévios do gênero que está sendo solicitado na atividade científica.

REFERÊNCIAS

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução de Benedito Gomes Bezerra. São Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, C. **Gênero, Agência e Escrita**. HOFFNAGEL, J. C.; DIONÍSIO, A. P. (org.). Tradução de Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). São Paulo: Cortez Editora, 2009.

BRASIL. **Lei nº 11892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 15 set. 2022.

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – OCEM**. Brasília, DF: MEC, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

DURANTI, A. Agency in language. In: DURANTI, A. (Ed.). **A companion to linguistic anthropology**. Massachusetts: Blackwell, 2004. p. 451-473.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HYLAND, K. **Genre and second language writing**. Ann Arbor, MI: The University of Michigan Press, 2004.

MILLER, C. Gênero como ação social. *In*: DIONÍSIO, A.; HOFFNAGEL, J. (org.). **Gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. p. 21-41.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941 –. **Metodologia do trabalho científico / Antônio Joaquim. Severino**. - 22. ed. rev, e ampl. De acordo com a ABNT, São Paulo : Cortez, 2002

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Research genres**: exploration and applications. Glasgow: Cambridge University Press, 2004.